

MUITO ALÉM DA UNIVERSIDADE: AS HUMANIDADES E AS LETRAS

Vera Lucia Harabagi HANNA¹

Professora Adjunta do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie

*A incompreensão do passado nasce afinal
da ignorância do presente*
Mark Bloch

Introdução

Instada a refletir sobre o estado das Humanidades e, por extensão, das Letras, no momento atual considerarei, primeiramente, a dinâmica do tempo, levada pela noção da interpenetração dos três tempos sociais, a ideia de tempo geral, de Gilberto Freyre que incorpora presente, passado e futuro, “o tempo futuro ao já vivido e ao vivente, estes como tempos futuros seriam, não improvisos absolutos no vácuo, porém projeções de tempos já vividos e de tempos viventes”. O tempo geral, segundo ele, seria sempre plural; sempre composto e complexo; sempre síntese de três vidas coletivas (FREYRE, 2001, p. 24). O cotidiano dos indivíduos nunca está apenas no presente, liga-se ao passado, projeta o futuro – os acontecimentos humanos estão inseridos e percebidos em uma ordem simultânea, não sucessiva, portanto, é relevante assinalar que “as mudanças humanas tornam-se semelhantes aos movimentos naturais e incorporam as qualidades destes: homogeneidade, reversibilidade, regularidade, medida”. (REIS, 2005, p. 199).

Citar Freyre e Reis nesse início de conversa é significativo pelo fato de que o momento atual, marcado pelo papel proeminente da tecnologia na era da globalização, responsável por gerar fluxos comunicacionais globais em espaços geopolíticos agigantados em contextos transnacionais, de contatos eivados pela diversidade e pluralidade dos povos dado que poderão ser compreendidos no tempo presente, visualizando imagens como em um

¹ Endereço eletrônico: verahanna@uol.com.br

caleidoscópio. A representação é utilizada por Reis (2002) cuja explicação de que as histórias vividas modificam-se ininterruptamente e, ao desarranjar o presente, levam, igualmente, à rearticulação do passado e do futuro. Isso dito, é preciso esclarecer que as considerações aqui expostas validam visão otimista da pesquisadora: “As possibilidades que se encontram no futuro são infinitas”. (Karl Popper, *The Myth of the Framework*, 1994) e assim devem ser interpretadas aqui.

A reivindicação para que os indivíduos tenham um melhor entendimento do mundo que os cerca assinala – dentro de um processo computadorizado global – o conhecimento de várias línguas não como um fim em si mesmo, mas como uma porta de entrada para apreciar outros povos e outras culturas; exige, além disso, um entendimento da interculturalidade, da transculturalidade na geração de contextos comunicacionais globais. Desse modo, ao focalizar o estudo linguístico, ressalto a necessidade de a prática linguística buscar a comunicação intercultural, dependente de condições variáveis e exposta aos aspectos históricos e culturais dos povos. Acredito que somente uma educação humanística, conforme exposto em publicação recente (HANNA, 2016) que defenda princípios de interculturalidade, que incorpore o aprendizado linguístico e o cultural para facilitar a comunicação e interação, que compare os outros e a si mesmo, que considere as condições variáveis, social e pessoalmente, que incentive a reflexão e provoque um questionamento crítico sobre a própria cultura e a de outros povos e atente para uma mudança de perspectivas de sociabilização, poderá preparar e conduzir os indivíduos a um diálogo profícuo com sociedades dessemelhantes.

O momento presente revela uma educação humanística heterogênea, ameaçada por constantes críticas, acompanhada de mórbida fascinação em discutir o tema da morte das Humanidades no mundo inteiro. A educação humanística tem sofrido contínuas pressões de cursos altamente especializados e constantes cortes de orçamento. Cabe a todos nós que lecionamos em cursos de Licenciatura e Bacharelado reconhecer que as Humanidades cuidam de incentivar questionamentos e análises advindos do estudo de língua materna e de línguas estrangeiras, da apreciação da literatura, da pesquisa e do conhecimento da história, do estudo da filosofia, da discussão sobre os problemas do planeta, do incentivo às artes, à música, à dança. Os estudos humanísticos contribuem para que os indivíduos possam desvendar os enigmas da ciência, de sua carreira e de seu próprio mundo de forma mais ampla e profunda e os levam a adquirir capacidade de julgamento, de discernimento, de interpretação, para que possam expor pensamentos críticos, assim como decidir sobre valores e resolver conflitos,

com significâncias positivas na criação de empatia, deajuizamento ético, de valor e de respeito.

Breves reflexões sobre o estado das Humanidades

Traçar uma linha entre o passado e o presente neste estudo é uma questão de auto-interesse dos cursos das Humanidades, e das Letras em particular, o passado vivido e moldado em uma história que leva ao presente, mas ao mesmo tempo pretende demonstrar continuidade entre o passado e o presente.

Assim, a retomada e a exposição de algumas reflexões sobre as Humanidades são imprescindíveis, e, para tanto, resgato considerações do filósofo americano John Dewey (1859-1952), um dos fundadores da escola filosófica do Pragmatismo, na virada do século XIX para o XX, em reconhecidos seguidores de sua obra: Michael Rorth, em obra de 2014; Anísio Teixeira, em análise de 1955; os pesquisadores Boaventura de Sousa Santos e Naomar de Almeida Filho, em publicação de 2008.

Em sua extensa lista de publicações, da qual destaco a obra *Democracia e Educação. Uma introdução à filosofia da Educação*, de 1916 (1959), Dewey defende a ideia de educação ampla e flexível, rejeita a característica dual de educação, mormente porque acaba por privilegiar relações sociais desiguais; um de seus argumentos mais importantes é o da interdependência e da habilidade do ser humano de aprender a partir da experiência, em um contexto de aprender vivendo, aprender fazendo. Saliento o conceito de cotidianidade, entendido como a relação que conecta a busca diária a circunstâncias particulares, que implica ideias coletivas, e que completa a percepção de aprender convivendo. A ideia de experimentar e revisar o que se apreende pela convivência aponta que a conformidade é o inimigo número um de qualquer aprendizado, a dúvida, por conseguinte, encoraja o questionamento. A dúvida traz criatividade quando ligada ao espírito investigativo, o desejo de aprender conduz a mais questionamentos e experimentações, resume Michael Rorth a respeito Humanismo discutido por Dewey (2014, p. 168). O pesquisador apresenta o pragmatismo de Dewey como uma determinação de dar conta do passado começando do presente, e que a história do passado seja contada com o intuito de alcançar objetivos relevantes. Segundo ele, Dewey não

considerava esse ponto de vista como um relativismo, mas como conhecimento do contexto de pesquisa (2014, p. 171).

A educação, vista sob esse prisma conduz à autonomia e ao pensamento crítico, por consequência, cultivar as Humanidades, e, muito particularmente, as Letras promove o desenvolvimento do caráter, do intelecto, fatores fundamentais para que se criem, desde os anos iniciais da escola, não somente cidadãos democráticos competentes, mas conscientes de que instruir-se denota a habilidade de aprender com a experiência, não focada apenas no indivíduo, mas em um processo de experimentação social de dependência que, segundo o Dewey, significa poder e não fraqueza, envolve verdadeiramente interdependência.

O comentário a seguir, colhido no artigo *Bases da teoria lógica de Dewey*, de 1955, de Anísio Teixeira, dá a medida do que o pensador e educador brasileiro extrai da obra de Dewey, fundado em suas palavras sobre o processo de crítica, de seleção e ênfase, de adquirir conhecimento,

O conhecimento, pois, é o resultado de um processo de indagação. E a marcha deste processo de pesquisa é o que Dewey chama de lógica. Vale dizer: lógica é o processo do pensamento reflexivo; “conhecimento” é o resultado deste processo; o “já conhecido” é o “material”, que usamos no operar a investigação ou a pesquisa. (s/p.)

A lógica ou teoria do conhecimento só será legitimada, em sua interpretação, se o processo pelo qual o conhecimento foi apreendido, tiver sido adquirido pela própria pessoa. Nesse ponto, retomo o foco nos estudos linguísticos, uma vez que Teixeira interpreta o conceito de linguagem de Dewey como o uso de um código que envolve, em seu entender, operações de caráter lógico,

A linguagem compreende sinais, ou sejam sinais naturais, e símbolos, ou sejam sinais artificiais. Os sinais naturais existem na vida animal: “isto” significa “aquilo”, “disto” se infere “aquilo”; fumo significa fogo. . . Mas, os símbolos ou sinais artificiais só existem na linguagem humana. “Isto” representa, “quer dizer” “aquilo”... O símbolo importa em um novo nível, uma nova transcendência: pode ser usado sem existência material de coisa ou de fato, que simboliza ou lhe dá sentido; o que permite o discurso e libera a palavra das existências materiais. (s/p)

Teixeira explica que “a relação sinal-significado é uma relação de inferência” enquanto “a relação ‘símbolo-quer-dizer’” é uma relação de “implicação”, ambas, no entanto, conduzem a “um mundo novo de percepção e de conceituação”. É importante citar o modo como ele as interpreta,

As duas relações são diferentes e abrem caminho para todo um mundo novo de percepção e de conceituação. O jogo das relações dos símbolos entre si (relações), dos símbolos com existências (referência) e das cousas entre si (conexões), que permitem as inferências, vai permitir comportamentos humanos de requintada complexidade, consequentes as multidimensionalismo que a palavra, assim, empresta à realidade de tais comportamentos.

Em seu artigo, Teixeira sublinha o fato de que a linguagem e o meio cultural fazem do indivíduo um ser que raciocina e destaca que suas necessidades e contrariedades são resolvidas “pelas instituições, pelos hábitos, pelas crenças, pelas artes e pelos conhecimentos, que construiu e obteve no seu processo de experiência, de tal modo transformado em um processo contínuo de investigação, aprendizagem e descoberta”.

Neste ponto, considero relevante retornar e reproduzir a interpretação de Roth, em *Beyond the University: why liberal education matters* (2014, p. 169) sobre o pragmatismo-presentismo que permeia a obra de Dewey, que incentiva o estudo histórico, dando ao passado a importância devida desde que sirva ao presente, evidenciando que o conhecimento histórico, como todo o conhecimento é transitório, sujeito à revisão, e que serve nossos desejos e interesses atuais. Sobre o futuro, Dewey ensina que “A previsão é muito mais importante do que a lembrança, projeção no lugar de convocação do passado; perspectiva no lugar de retrospectiva” (DEWEY, 1917, citado por ROTH, p. 64). Para que haja o desenvolvimento da capacidade de questionamento e de crítica, tanto na vida pública quanto na privada, é mandatório o incentivo às Humanidades, para que exista a ideia que possamos modificar o sentido de quem nós somos. Observados no cotidiano de um indivíduo através das práticas do dia a dia, a contextualização do ordinário sugere o entendimento de que atos rotineiros não contém uma história singular, mas existem em miríades de histórias.

Justapondo as ideias até aqui apresentadas, é significativo mencionar a alusão de Teixeira sobre o mundo estar em ininterrupta reconstrução, e ser o homem um dos agentes da transformação do universo, concebida de uma experiência a que ele chama de “uma ocorrência cósmica”. Ele assim a descreve, “O inorgânico, o orgânico e o humano agem e

reagem, pela experiência, num amplo, múltiplo e indefinido processo de repetições e renovações, de ires e vires, de uniformidades e variedades, de fatalidades e imprevistos”, para então concluir que tal processo as tornam factíveis, “de um lado, a predição e o controle e, de outro, a oportunidade e a aventura”.

Considerações finais

É mandatória a explicitação de que o objetivo primeiro da educação nos cursos de Graduação, além da transmissão de conhecimentos específicos de cada área, haja espaço para que advenha efetividade prática, responsabilidades individual e coletiva, desenvolva o senso crítico, de aprender, de expandir conhecimentos, de expressar ideias de modo persuasivo, com ênfase na significação, nos valores e na ética – pilares da educação humanística – e que sejam transferidos adequadamente, hoje, para novos ambientes de multimidialidades e complexidades multisociais.

A visão otimista declarada no início do ensaio prende-se à ideia de que ‘otimismo’ e ‘pessimismo’ esteja sempre relacionada com o desconhecido, mas, originalmente, garante Karl Popper, não se referia ao futuro, como acontece hoje, “o otimismo era a doutrina de que o mundo – passado, presente e futuro – seria tão bom como ele poderia ser” (p.199); o otimismo, ensina ele, pode não profetizar o sucesso, mas implica que o progresso envolve possibilidades improváveis de se imaginar ou acreditar. De modo determinado, a universidade somente poderá empreender uma reforma que seja eminentemente acadêmica, nos dizeres de Santos e Almeida Filho (2008); compartilho a ideia dos pesquisadores sobre a necessidade de se restabelecer a contemporaneidade da universidade, é incompatível uma graduação proveniente do século XIX, “numa organização do conhecimento tipicamente desenvolvida no Século XX e se estamos inseridos numa comunidade global do Século XXI, ficaremos diante de um sério problema de compatibilidade histórica”.

Santos e Almeida citam algumas das experiências iniciadas nas últimas décadas em Bacharelados e Licenciaturas no Brasil, como o progressista planejamento curricular da Universidade Federal do ABC, inaugurada em 2005, na Grande São Paulo. Um segundo exemplo teve a iniciativa de reestruturação curricular impetrada por um dos autores, Naomar de Almeida Filho. O novo programa, esclarece ele, “constava um item que, parafraseando o projeto crítico da Escola Nova de Anísio Teixeira, chamamos de UFBA Nova” e foi aprovado em 2006. A proposta abrangia a abertura de programas interdisciplinares de graduação em

grandes áreas do conhecimento como Humanidades, Ciências Moleculares, Tecnologias, Saúde, Meio Ambiente, Artes; além da criação de projetos acadêmico-pedagógicos que incentivassem a oferta de currículos integrados de graduação e pós-graduação. O exemplo a que se refere abaliza transformações radicais na atual estrutura acadêmica brasileira e que vale anotar por completar o cenário aqui apresentado: temas relativos à cultura contemporânea, diversidade multicultural, a compatibilização com modelos de educação superior do mundo atual.

A viabilidade de tais tentativas faz com que o otimismo possa existir, alguns problemas são difíceis de serem resolvidos, mas não devem ser confundidos, como diz Popper (1996, p. 222), com problemas insolúveis; uma sociedade otimista deve ser aberta e não mostrar aversão às inovações, baseia-se em tradições de crítica que implica o conhecimento de como detectar e eliminar erros.

A citação de Anísio Teixeira bem se adequa ao fechamento das ideias aqui expostas, que contrariam o raciocínio de que as Humanidades estão morrendo, devemos assumi-las com determinação e perseverança,

A contingência mesma do mundo faz dele um mundo de oportunidades, um mundo em permanente reconstrução, um mundo em marcha, com suas repetições e suas novidades, cousas acabadas e cousas incompletas, uniformidades e variedades, em que o presente é uma junção entre um “teimoso passado” e um “insistente futuro”. Nesse imenso processo há, ao lado do determinado, regular e irrecorrível, o indeterminado, o irregular, o recorrível; ao lado do fatal, o eventual; e daí ser possível a ação e a direção. (1955, s/p)

Revitalizar os programas acadêmicos em direção a um ensino mais humanístico mostra-se um caminho auspicioso a seguir.

Referências bibliográficas

BOAVENTURA de Sousa Santos e NAOMAR de Almeida Filho. *A Universidade no século XXI: para uma universidade nova*. Coimbra: Almedina, 2008.

DEWEY, John. *Democracia e Educação*. Uma introdução à filosofia da Educação [1916]. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 3ª. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1959.

FREYRE, Gilberto. *Além do apenas moderno*. 2^a.ed. Rio de Janeiro: Topbooks. 2001.

HANNA, Vera L. Harabagi. O ensino de línguas estrangeiras no contexto de pós-humanidades: os estudos culturais, a transdisciplinaridade. In VASCONCELOS, Maria Lucia. *Língua e Literatura: ensino e formação de professores*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2016. p. 165-183.

POPPER, Karl. *The Myth of the Framework: In Defence of Science and Rationality*. Revised ed. Edition. New York: Routledge; Revised edition, 1996.

REIS, José Carlos. *História & teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2005.

REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 5^a. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2002.

ROTH, Michael. *Beyond the University: Why Liberal Education Matters*. New Haven: Yale University Press, 2014.

TEIXEIRA, Anísio. *Bases da teoria lógica de Dewey*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v. 23, n. 57, jan./mar. 1955. p. 3-27. Disponível em <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/bases.html> Acesso em 10.jun.2016.

VERBUM – CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267